



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Piccinini, Cesar Augusto; Silva, Milena da Rosa; Gonçalves Ribeiro, Tonantzin; Lopes Sobreira, Rita;  
Tudge, Jonathan

O Envolvimento Paterno durante a Gestação

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 17, núm. 3, 2004, pp. 303-314

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817303>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## O Envolvimento Paterno durante a Gestação

Cesar Augusto Piccinini<sup>1,2</sup>

Milena da Rosa Silva

Tonantzin Ribeiro Gonçalves

Rita Sobreira Lopes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Jonathan Tudge

University of North Carolina at Greensboro, EUA

---

### Resumo

O período de gestação da companheira exige uma série de adaptações por parte do pai, que precisa se adaptar ao novo papel que deverá assumir frente ao bebê e à sua nova família. Neste sentido, o presente trabalho teve como objetivo investigar o envolvimento paterno durante o 3º trimestre de gestação. Participaram deste estudo 35 pais de primeiro filho, com idades entre 21 e 40 anos. Os pais foram entrevistados individualmente e as suas respostas foram analisadas através de análise de conteúdo. Os resultados indicaram que muitos pais estiveram envolvidos de diferentes maneiras durante a gestação de suas parceiras, mostrando-se emocionalmente conectados à gestante e ao bebê. No entanto, encontravam dificuldades quanto ao envolvimento com seu filho, parecendo não percebê-lo como real e importante para a gestação. Estes dados apontam para indícios de uma modificação quanto à participação emocional com a gestação, a qual se encontra cada vez menos restrita ao universo feminino.

*Palavras-chave:* Envolvimento paterno; gestação; maternidade.

Father's Involvement during the Gestation

---

### Abstract

The gestational period requires a series of adaptations from the father's side, who needs to prepare himself to assume vis-à-vis the baby and his/her new family. The present study aimed at investigating father's involvement during the third trimester of gestation. Thirty-five fathers, aged 21 to 40, who were expecting their first child, took part in the study. Fathers were interviewed individually and their answers were examined through content analysis. Results showed that many fathers were involved in different ways during their partner's pregnancy, being emotionally connected to their partner. However, some fathers still found difficulties concerning involvement with their child, seeming to perceive him as real and showing low emotional connection with pregnancy. These data point to signs of change concerning emotional participation with pregnancy, which is increasingly less restricted to the feminine domain.

*Keywords:* Father's involvement; gestation; fatherhood.

---

O período de transição para a parentalidade exige uma série de adaptações e mudanças por parte dos futuros pais, tanto em nível psicológico e biológico como social (Salmela-Aro, Nurmi, Saisto & Halmesmäki, 2000). A gestação funciona, para os pais, como um período de preparação para os novos papéis que deverão

A trajetória masculina rumo à parentalidade é complexa, pois somente a mulher poderá ser a gestante. No entanto, os pais, especialmente os pais-mães, dar à luz e amamentá-lo. Pode haver resistência por parte dos pais, que não conseguem criar um vínculo com o bebê. Pode haver resistência por parte dos pais, que não conseguem criar um vínculo com o bebê.

este período de adaptação. No entanto, o homem deve fazer adaptações similares às da mulher, e enfrenta dúvidas e angústias também semelhantes.

Nas sociedades ocidentais, os papéis assumidos por pais e mães têm sido tradicionalmente diferentes. A mãe possui o papel de cuidadora primária e o pai, o de provedor das necessidades materiais da família, apoiando indiretamente a diáde mãe-bebê (De Martini, 1999; Levy-Shiff & Israelashvili, 1988). Além do apoio material, o suporte emocional à gestante também se constitui em uma importante função atribuída ao pai (Klaus & Kennell, 1992). Neste sentido, segundo os autores, a aceitação do bebê pelo companheiro é um fator significativo para o desenvolvimento do apego materno ao bebê. Sua ajuda se dá, principalmente, através do apoio à mulher na harmonização de seus conflitos da infância em torno da maternidade.

Recentemente, autores como Parke (1996) assinalaram que os pais vêm assumindo outras tarefas com relação aos filhos, sendo que o estereótipo do pai incompetente e desinteressado em relação aos cuidados primários não vem sendo confirmado por muitos estudos recentes. Segundo o autor, o grande envolvimento das mulheres no campo profissional e o novo papel social do trabalho feminino, dentre outros fatores sócio-econômicos, vêm abrindo espaços para a participação dos pais nos cuidados com seus filhos. Desta forma, os pais estariam mais ativos em sua parentalidade, exercendo influências diretas sobre o desenvolvimento de seus filhos. Conforme Brazelton (1988), existe uma nova consciência de que criar um filho é também função do pai, mas ainda não há clareza quanto a este novo papel, e aqueles homens que assumem esta responsabilidade nem sempre recebem apoio social.

Em relação a estas mudanças no papel do pai, tem sido amplamente discutido o conceito de envolvimento paterno. Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985) definem este conceito a partir de três dimensões de avaliação do comportamento paterno: interação, acessibilidade à criança e responsabilidade. A interação refere-se ao contato direto com o filho, em cuidados e atividades compartilhadas. A acessibilidade concerne à presença ou disponibilidade para a criança para possíveis interações. Já a responsabilidade diz respeito ao papel que o pai exerce garantindo

ressaltando que os casais, e não apenas as mulheres, experimentam mudanças ao longo da gravidez e que as mudanças que ocorrem com os futuros pais durante a gestação não são independentes das mudanças vividas pelas próprias gestantes. Os pais podem, inclusive, apresentar sintomas psicológicos semelhantes – e concomitantes – à gestante. Num estudo brasileiro investigando este conceito, De Martini (1999) verificou a presença da síndrome de Couvade em aproximadamente metade dos participantes da pesquisa. O envolvimento paterno na gestação vai além apenas a comportamentos – como acompanhamento de ecografias – mas também a um envolvimento emocional que estes aspectos não estão necessariamente associados (May, 1982). Desta forma, entende-se que o envolvimento paterno na gestação pode ser compreendido através da soma das atividades relativas às gestantes e aos preparativos para a chegada do bebê, do apoio emocional proporcionado ao parceiro, ao contato com o bebê, bem como das preocupações com a saúde e bem-estar destes pais.

O envolvimento paterno pode variar bastante ao longo da gestação, de acordo com o desenvolvimento da gestante e conforme as características de cada par. Existem diferenças ao longo da gravidez, May (1982) identificou quatro fases de mudanças seqüenciais no envolvimento paterno, constituído de três fases. A primeira fase é a expectativa de gravidez – que é um grande impacto inicial – até a sua confirmação. Os pais podem experimentar reações de desespero e ambivaléncia. Na segunda fase, os pais acreditam na gestação como uma realidade, uma vez que as mudanças ainda não são evidentes. Em decorrência da gestação, a preocupação com a saúde emocional é a característica mais marcante. Na terceira fase, os pais vivenciam a gestação como algo muito importante em suas vidas, conseguindo lidar com as mudanças no seu dia-a-dia. Normalmente, segundo May, este último período é curto, ocorrendo no terceiro trimestre da gestação, quando o bebê está mais próximo e os pais tornam-se mais ativos nos preparativos para a sua chegada.

No entanto, conforme a autora,

autores, o acompanhamento às ecografias, que permitem aos casais assistirem em videotape ao desenvolvimento e aos movimentos fetais, costumam encorajar o interesse e envolvimento dos pais.

Alguns pais, por outro lado, logo antecipam dificuldades financeiras que podem decorrer das despesas com o bebê e aumentam sua carga de trabalho, muitas vezes assumindo um segundo emprego. Esta sobrecarga de trabalho, e consequente afastamento do lar, pode ser um sinal de preocupação e ansiedade do futuro pai (Parke, 1996). Este autor afirma que os pais podem experienciar muita ansiedade durante a gestação, preocupando-se com o parto e a saúde do bebê, apesar de que as preocupações de ordem financeira se destacariam, sendo as mais prevalentes. Brazelton (1988), por sua vez, acrescenta que as preocupações com o aumento das responsabilidades para com a família e com as possíveis consequências nas relações sexuais também são recorrentes nos pais. Outras reações dos pais observadas por Szejer e Stewart (1997) e Souza (1997) são os sentimentos de exclusão e inutilidade, e fuga de todos os aspectos da preparação para a chegada do bebê, e, algumas vezes, do próprio ambiente familiar. Souza apontou ainda que alguns pais colocam-se como espectadores desinteressados, justificando que os problemas relativos à gestação são de responsabilidade da mulher.

A literatura revisada também indica que o envolvimento do pai já na gestação parece ter importantes implicações para o desenvolvimento das primeiras relações pai-bebê (Brazelton & Cramer, 1992) e mãe-bebê (Brazelton, 1988; Winnicott, 1966). Neste sentido, o presente trabalho teve por objetivo investigar e descrever o envolvimento paterno no terceiro trimestre de gestação.

## Método

### Participantes

Participaram deste estudo 35 pais que esperavam seu primeiro filho, com idades entre 21 e 40 anos. A idade média foi de 30,3 anos ( $d\bar{f}=5,4$ ). Todos viviam com a mãe do bebê, a qual não apresentava problemas de saúde durante a gestação. Os participantes eram de níveis sócio-econômicos

Utilizamos a escala de Hollingshead (1975) envolvendo a combinação do pai para classificar o seu nível mais acurado. Esta classificação é bastante uniforme, com 26,7% “profissionais” (major business) como “técnicos” (*medium business*) 22,9% como “artesãos qualificados”, 17,1% em profissões “sem qualificações”. Os 8,6% restantes, quais não havia informação sobre suas ocupações tiveram uma distribuição em termos de escolaridade, com 10% em escola sem ter concluído o ensino médio completo, e um co-

Apesar de a escala de Hollingshead ter sido criada há quase 30 anos e ter se baseado em dados de 1970, há alguma evidência de que ela continua sendo usada nas famílias sul americanas. Iannelli et al. (1995) encontraram uma alta concordância entre a classificação de Hollingshead e a de outras escalas. Além disso, Ribas, Seidl de Mello et al. (1997) encontraram que a classificação de Hollingshead era altamente correlacionava significativamente com o nível de conhecimento sobre paternagem entre pais brasileiros. No entanto, com uma amostra de pais brasileiros, os autores não conseguiram confirmar que a escala de Hollingshead era útil para classificar a nível de conhecimento sobre paternagem, ao invés de nível de escolaridade das mães (0,41) e da idade. O nível de conhecimento significativamente mais baixo entre os pais de Hollingshead.

A amostra foi selecionada entre os pais descritos acima, dentre os pais que participaram do estudo intitulado Estudo Longitudinal da Família e da Escola (Piccinini, Tudge, Lopes, 1997). A amostra acompanha aproximadamente 1000 crianças, que eram primíparas, representando famílias de diferentes idades, níveis sócio-econômicos<sup>3</sup>. O contato inicial com a amostra ocorreu entre 1992 e 1994.

entrevista, buscava-se investigar se a gestante era primípara, sua idade gestacional e seu estado de saúde, a fim de verificar se a família se enquadrava nos critérios para constituição da amostra descritos acima. Uma vez atendendo as características exigidas para participar do estudo, era marcado um encontro na residência dos participantes, quando as gestantes e os pais assinavam um consentimento informado e era realizada a Entrevista de dados demográficos (GIDEP, 1998b). Esta entrevista foi usada para se obter informações demográficas adicionais, como idade, escolaridade, estado civil, ocupação, religião e grupo étnico.

Os pais também responderam à *Entrevista sobre a Gestação e as Expectativas do Futuro Pai* (GIDEP, 1998c)<sup>4</sup>. Esta entrevista semi-estruturada buscava examinar as percepções do pai em relação ao planejamento da gravidez, sua aceitação, a imagem que o pai fazia da gestante, seu estado de humor predominante durante a gestação e a gravidez no contexto da relação com a esposa e demais membros de sua família. Além disso, abordava as percepções e fantasias do pai sobre o bebê e a paternidade. Para fins do presente estudo foram examinados apenas os relatos dos pais a respeito do seu envolvimento na gestação da esposa.

## Resultados

Foi realizada uma análise de conteúdo (Bardin, 1977) para examinar o relato dos pais sobre seu envolvimento na gestação da esposa. Com base na literatura (De Martini, 1999; Parke, 1996) e nas respostas dos pais à entrevista foram criadas três categorias temáticas: 1) *Participação do pai na gravidez*; 2) *Interação do pai com o bebê*, e 3) *Preocupações do pai durante a gestação*. Estas foram divididas em subcategorias conforme explicitado a seguir. Dois juízes classificaram separadamente os relatos dos pais em cada categoria e subcategoria e, em casos de discordância, usou-se um terceiro juiz. Apresenta-se, a seguir, a caracterização de cada uma das categorias e subcategorias, buscando exemplificá-las através de relatos dos próprios pais. Ao final, são apresentadas tabelas com a distribuição das respostas em cada categoria e subcategoria.

das imagens. Alguns pais ainda gravaram as ecografias: *Quando a gente viu na imagem, porque teve um momento lá que ele virou o rostinho e abria e fechava os olhos. Bah, aquilo ali era... é uma emoção, é tímica; Sempre foi assim, aquele medo inicial, pra ver se tava bem e depois que o médico ia falando, tá aqui o coração, “tá aqui a cabeça, tá aqui a perninha, os braços, as mãozinhas perfeitas, a gente vai se tranquilizando e cada vez querendo ver mais”;* “*Ab, bab, parecia que ele tava conosco ali... Ele tava sabendo que a gente tava enxergando ele... Então foi assim, a presença dele foi muito marcante; É que a gente é leigo no assunto, tu vai lá, tu vê na televisão as imagens, mas tu não sabe onde é que está. Ele mostra lá, “aqui é a perninha, aqui é a cabequinha, aqui é a coluna, aqui é não sei o que”*” é bem difícil.

O envolvimento nos preparativos para a chegada do bebê foi manifestado através do relato da participação do pai na organização da casa e do quartinho, planejamento de férias, escolha da maternidade e da creche, compras para o bebê e preparação da sua “malinha” para o hospital: *A gente soube da gravidez, a gente começou a planejar a casa, né, trocar aqui, fazer o quarto dela, fazer tudo pra ela; Que agora a gente se preocupa mais em ter lugar e em conservar o ambiente, eu tenho que me desfazer de algumas coisas que eu não queria; Lá [na creche] é bom, eu conheço o pessoal de lá, tem bastante pessoas pra atender... já tá tudo certinho [para colocar o bebê], vou lá quando já tiver certo.* Os participantes também verbalizaram interesse na busca de informações sobre bebês e gravidez em revistas, jornais, programas de tv e em pessoas mais experientes: *A gente tem se preparado bastante, até com algumas leituras, tem bastante livros... a gente procura também se informar com os pais da gente.*

Poucos pais manifestaram desejo de assistir ao parto, bem como a participação em cursos de gestantes. Devido ao acompanhamento de muitos pais às consultas médicas e às ecografias, e a partir de suas próprias impressões, alguns pais demonstraram possuir diversos conhecimentos sobre o seu bebê: *Eu já sei que ele tem dois quilos, que o fêmur dele tem seis centímetros. Já estão me dizendo que ele é cabeçudo. Que vai ter um*

*peço... Ele não é nem grande nem pequeno, é só que é esperto, já tem praticamente a personalidade de um bebê.* Outros pais não manifestaram este desejo, respondendo: *não sei nada [sobre o bebê], nada mesmo.*

A Tabela 1 apresenta as porcentagens e frequências das respostas para a categoria *Participação do Pai na Gravidez*. Pode ser observado, o acompanhamento de participação mencionada pelo gestante, seguida pelas atitudes de apoio emocional. Outras formas de participação do pai estavam presentes nos seus relatos: 68% dos gestantes compareceram às consultas pré-natais materialmente; 57% descreveram as preparações para a chegada do bebê, 50% tinham conhecimentos sobre o seu bebê. 43% dos gestantes apresentaram uma freqüência baixa de participação no parto, 40% assistiram ao parto (17%), referir-se a informações sobre o bebê (11%) e 10% dos gestantes (6 %). Considerando a participação do pai no acompanhamento da gestante, envolvendo sua participação na organização da casa e do quartinho, planejamento de férias, escolha da maternidade e da creche, compras para o bebê e preparação da sua “malinha” para o hospital, a média, aproximadamente seis respostas, se refere às ocorrências de resposta. A distribuição de porcentagens semelhante, emocional à gestante e acompanhante, pode ser observada entre as subcategorias mais mencionadas.

## 2) Intereração do pai com o bebê

Grande parte dos pais referiu-se ao desejo de interagir com o bebê no útero. Para fins de análise, esta categoria foi dividida em três subcategorias: *reações frente ao movimento do bebê*; *reações frente ao choro do bebê* e *papel do pai de interação com o bebê*; e *pouca interação com o bebê*.

Tabela 1

Porcentagem e Freqüência de Respostas para a Categoría “Participação do Pai na Gravidez”

Participação	Número de pais <sup>1</sup>	Total de respostas
Acompanhamento às ecografias	91% (32)	19% (41)
Apoio emocional	83% (29)	23% (50)

As reações frente às manifestações do bebé referidas pelos pais dizem respeito às suas sensações, impressões e sentimentos despertados pela observação das manifestações do bebê. Estas reações compreendem: emoção e alegria, atribuição de características de personalidade, certificação da presença do bebê, impressão de que ele reconhece o pai e responde – ou não – aos seus estímulos: *Não é quando tu quer que ele mexe, é quando ele quer;* *O bom de quando tu sente mexer é que daí tu tem certeza que ele tá ali dentro.* Além disso, alguns pais reclamaram da dificuldade de sentir os movimentos e reações do filho: *Ele mexe, a K me fala , eu vou lá e toco, mas na verdade eu sinto pouco, eu não consigo sentir; Eu não sou muito atraente pra ela [filha], se eu ficar conversando com ela, não se mexe muito, então eu tenho que ficar quietinho pra ela poder se mexer.*

A subcategoria *busca ativa de interação com o bebé* foi também bastante citada pelos participantes, e abrange os comportamentos que buscam um contato mais próximo com o bebé na barriga da mãe, como conversar, ler histórias, acariciar e beijar a barriga da gestante: *Bab, o cara fica ali, bota a mãozinha, conversa né... Eu fico trovando, conversando com ele um tempão, ali, é muito bom; Já leio historinhas agora que tá na barriga.* Foram observados alguns relatos de *pouca ou nenhuma interação* com o bebé, o que pode decorrer de dificuldades dos pais em relação a esta atividade como, por exemplo, não se sentir à vontade: *A mãe conversa, bastante até. E eu não... não é de mim assim; Toco muito pouco. É que ela reclama muito... que eu teria que tocar mais, conversar mais, só que não, realmente não; Ela pede para eu conversar com a criança, eu não tenho jeito né, fico meio sem jeito.*

A Tabela 2 apresenta as porcentagens e freqüências de respostas para a categoria *Interação com o bebê*. Pode-se verificar que a maior parte dos pais relatou ter tido algum tipo de reação frente às manifestações do bebê (88%) e também ter buscadoativamente interação com o bebê (80%). Somente 17% dos pais consideravam ter pouca ou nenhuma interação com o bebê na barriga da mãe, embora estes tenham referido pelo menos uma das subcategorias apontadas acima em outros momentos da entrevista. Considerando o total de respostas (81) às duas primeiras

Tabela 2 mostra uma distribuição semelhante, com porcentagens envolvendo número de países.

### *3) Preocupações do pai durante a gestação*

A maioria dos pais mencionou alguma relação ao período da gestação de sua companhia do filho e/ou exercício da paternidade. Seis são utilizadas para classificar as preocupações em *ao bebê; ao parto; às finanças; ao aumento das responsabilidades*.

Os pais relataram muitas preocupações entre as quais envolviam a sua saúde, seu bem-estar, pela gestação e necessidade de um maior apoio. *Ela não pode pegar peso, eu não deixo, a limpeza da roupa que ela anda na rua sozinha, dirigir muito menos; Eu devo ficar de contato... e ajudar pra ela ter uma coisa bem tranquila.* As preocupações mencionadas pelos pais referindo-se à saúde do bebê durante a gestação, ao medo de malformações, síndromes, prematuridade. *Eu tinha preocupação quanto a formação dele, né, a gente temia que ele nascesse com tudo direitinho; No início eu tive até [preocupação] com o parto, com a gravidez, com a gente, com a maternidade, com a chegada do bebê.* Será que ele vai ser... não tem perigo né, de nascer com alguma anomalia? As preocupações em relação ao parto, em particular o trabalho de parto e/ou tipo de parto, como a cesariana, foram também manifestados. *Meu medo é de dar uma complicação, alguma coisa que acabe virando cesariana, eu tô com medo de ter que ser uma cesárea... tenho medo de que a gravidez seja mais complicada.*

Com relação às preocupações financeiras, os entrevistados verbalizaram suas inquietações em torno da necessidade de se preparar para o futuro, sustentá-lo. Enquanto alguns temiam perder o emprego, outros temiam perder a renda, atraídos por uma vida mais confortável.

*cara tem assim preocupações financeiras... ninguém tem serviço público e eu trabalho num órgão público... no momento eles podem me botar pra rua... daí eu fico assim; Eu acho que em moradia e em condições de*

Tabela 3

Porcentagem e Freqüência de Respostas para a Categoria ‘Preocupações do Pai durante a Gestação’

Preocupações do pai	Número de pais <sup>1</sup>	Total de pais
Em relação ao bebê	68% (24)	23% (27)
Em relação à gestante	54% (19)	26% (30)
Financeiras	31% (11)	11% (13)
Relatam não ter preocupações	31% (11)	11% (13)
Em relação ao parto	28% (10)	10% (12)
Em relação ao aumento das responsabilidades	25% (9)	10% (12)
Em relação à inexperiência	20% (7)	6% (7)
Total	35	114

Nota.1) Cada pai pode ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria. Um mesmo pai pode ter apresentado mais de uma resposta classificada na mesma categoria ao longo da entrevista.

responsabilidades também fizeram-se presentes nos relatos dos pais. Estas relacionaram-se à maior responsabilidade em manter seu emprego, em ter condições de prover bens materiais e à estabilidade no relacionamento do casal e sua reorganização, para se constituir como uma família: *Preocupação de ver como é que a gente ia fazer, é uma responsabilidade, né. Agora não dava mais para voltar atrás; Porque a gente não vai pensar que somos só nós dois, a gente vai ter que planejar tudo em três.*

Alguns pais citaram também *preocupações com a inexperiência*, referindo-se às habilidades necessárias aos cuidados com o bebê: *Isso vai ser difícil, vai ser duro, porque eu sou atrapalhado pra caramba, eu vou ter que aprender, esses esquemas, ter habilidade pra trocar fralda, mas eu quero; Daí eu vou ficar preocupado, nervoso, o primeiro filho, a gente não sabe o que faz, marinheiro de primeira viagem é isso.* Por fim, foram categorizadas as verbalizações em que os pais referiram não ter preocupações com a gestação. Estas manifestações de aparente tranqüilidade eram relacionadas, pelos próprios pais, às suas impressões e/ou características, ou a informações médicas que afastavam a possibilidade de complicações: *Não tenho preocupações. Eu acho que tá tudo indo normal, todos os passos que tão planejados já estão bem, indo bem; Eu penso tudo o melhor, não penso que de repente possa acontecer alguma coisa, eu penso que vai dar tudo certo.*

A Tabela 3 apresenta as porcentagens e freqüências de

*preocupações* não significa, necessariamente, que os pais tenham referido preocupações. Na medida que elas foram explicitadas, sua ocorrência é expressa em termos de categorias.

Considerando o total de prenderam-se entre as subcategorias, cada pai relatou, em média, 2,6 categorias. No que se refere às ocorrências das subcategorias, é possível observar uma distribuição de porcentagens similar. As subcategorias ‘Preocupações com o bebê’, ‘Preocupações com a gestação’ e ‘Preocupações com a inexperiência’ destacam-se entre as subcategorias.

## Discussão

Por longo tempo, o estudo da gestação e do parto tem sido o foco central de interesse no desenho de pesquisas, embora que apenas recentemente a relação entre gestação e parto tem sido mais extensamente estudada (Carrasco & Dessen, 1999). No período gestacional, a gestante e o seu parceiro, o pai ainda é bastante preponderante. No entanto, nos estudos atuais centra-se na relação entre gestante e parceiro (De Martini, 1999). No presente estudo, os pais, tanto gestante quanto os pais, e não somente as mães, foram os sujeitos que sofreram transformações durante o período gestacional.

*Cesar Augusto Piccinini, Milena da Rosa Silva, Tonantzin Ribeiro Gonçalves, Rita Sobreira Lopes & Jonathan Tudge*

de seu filho(a), à semelhança do que tem sido encontrado por outros autores (De Martini, 1999; Parke, 1996). Com relação à participação dos pais na gestação, salientaram-se as verbalizações que referiam apoio emocional e material à gestante, acompanhamento às consultas pré-natais e ecografias, e envolvimento com os preparativos para a chegada do bebê, o que corrobora os achados de De Martini. Quase todos os participantes relataram apoiar emocionalmente sua companheira, estando mais disponíveis, pacientes e compreensivos. De acordo com Pleck (1997), os homens tenderiam a reagir positivamente ao aumento das necessidades emocionais de suas esposas durante a gestação. Do mesmo modo, Krob (1999) afirmou que a maioria dos participantes de seu estudo demonstrou sensibilidade para perceber mudanças emocionais em sua esposa durante a gravidez, tentando adequar os seus comportamentos a esta situação. Para a autora, os pais mais conectados emocionalmente à gestação estariam mais predispostos a reagir adequadamente às necessidades de apoio e compreensão de suas esposas.

A grande incidência de envolvimento emocional relatada pelos pais do presente estudo pode estar relacionada ao período gestacional em que foram realizadas as entrevistas, o 3º trimestre da gestação, período marcado pela proximidade do nascimento do bebê. A terceira fase do envolvimento paterno na gestação, proposta por May (1982), sugere que este é o período em que os pais estão mais conectados emocionalmente com a gestante, a fim de sentirem a gestação como algo presente em suas vidas e, desta maneira, prepararem-se para a paternidade. Soma-se a isto o apoio material relatado pelos pais, o qual também se apresenta como uma forma de envolvimento importante, pois, para alguns pais, ajudar fisicamente sua companheira constitui-se em uma forma de expressar seu interesse pelo bebê e agradá-la (Krob, 1999). Quanto a menor ocorrência de apoio material, em relação ao emocional – encontrada no presente estudo – pode-se pensar que a mudança no papel do pai, a qual se define por um maior envolvimento com a paternidade desde a gestação, pode não ter se traduzido em uma mudança efetiva em termos dos comportamentos destes pais. Neste sentido, Trindade, Andrade e Souza (1997) enfatizaram que, apesar de recentemente

manifestaram uma certa incompreensão das certos casos, lhes deu origem a uma vivência ou até mesmo indiferente - da ecografia. As dificuldades de um leigo para compreender o exame, este tipo de reação pode estar associado à distância emocional dos pais em relação ao exame, assim como as dificuldades destes pais em sentir a gestação como real podem ser um indício de sentimentos quanto à paternidade (May, 1982).

O envolvimento nos preparativos para a gestação mostrou-se também bastante presente nos resultados. De acordo com Szejer e Stewart (1997), este tipo de envolvimento mais ativa do pai representa uma grande ajuda para a gestante, além de ser uma forma de envolvimento com a gestação que sobremaneira os pais, pois faz com que eles se sintam ocupados com a vinda de seu filho. De Martini (1999) afirma que a participação do pai nos preparativos para a chegada do bebê tende a ser mais comum no 2º trimestre da gestação ainda não é vista como algo concreto, mas é considerado ainda um grande risco de aborto. Além disso, a participação do pai na vida do bebê ainda não é conhecido. Já no 3º trimestre da gestação, a participação dos pais estaria bastante concentrada na sua expectativa de tornar-se pais e na função da iminência da paternidade, em função da iminência do nascimento do bebê.

Mais de um terço dos pais referiu possuir alguma experiência sobre o desenvolvimento do seu bebê, seja através do acompanhamento às ecografias, através das informações fornecidas pelo médico e pelas suas próprias observações. Isto indica o interesse destes pais pelo desenvolvimento de seus filhos, refletindo também suas preocupações com a saúde do bebê, as quais mostraram-se marcadamente presentes no presente estudo, como será destacado abaixo. Deve-se ressaltar que, na atenção o fato de que apenas 4 participantes vieram ao encontro com a gestante, na busca de informações sobre bebês e gestação, através de revistas, jornais, programas de TV e em pessoas mais velhas. Deve-se ressaltar que, se a isto o fato de apenas 2 pais terem respondido que tinham experiência com a gestante, o que também poderia lhes ter levado a procurar informações sobre o bebê, gestação e parto. De acordo com os achados de Parke (1996) e Krob (1999), os quais mostraram que a maioria dos pais

Os resultados revelaram, ainda, que pouquíssimos pais manifestaram desejo de assistir ao parto. Este dado parece indicar que o parto ainda é visto como algo essencialmente feminino, onde a participação do pai não encontra lugar. Esta idéia é, muitas vezes, reforçada pela equipe médica e pela organização hospitalar, visto que a participação do pai no trabalho de parto não é permitida em grande parte dos hospitais da rede pública de Porto Alegre. Além disto, o próprio pai pode sentir-se despreparado para acompanhar a experiência do parto. Parke (1996) e Szejer e Stewart (1997) alertaram que, caso eles sejam pressionados a participar, poderão tornar o trabalho de parto mais complicado para todos os envolvidos. Klaus (1993) afirmou que a intensa ansiedade vivenciada por alguns pais frente à dor sofrida por sua parceira pode, muitas vezes, resultar em intervenções médicas desnecessárias. A autora colocou, ainda, que a experiência do parto pode causar extremo desgaste emocional para o pai. Este desgaste seria fruto da percepção da dor e do medo vivido pela parturiente, das preocupações vividas pelo próprio pai, em relação à saúde do bebê e da mãe, e da extrema exposição da intimidade de sua companheira, o que, em algumas culturas, é motivo de vergonha para o homem. Contudo, a equipe médica freqüentemente desconsidera toda esta carga emocional, exigindo do pai que acompanha o parto um papel que ele não têm condições de assumir, de extrema tranqüilidade e contenção das ansiedades da parturiente (Klaus, 1993).

Para que a presença do pai durante o parto seja positiva, ele necessita de treinamento e apoio (Szejer & Stewart, 1997). Todavia, estes autores colocaram que os homens costumam ficar muito pouco à vontade nas sessões de preparação para o parto, sentindo-se deslocados. Por outro lado, os cursos de gestante, oferecidos em muitos hospitais de Porto Alegre, mostram em sua própria denominação um convite à mãe e uma exclusão ao pai, o que também é evidente em seu funcionamento, que muitas vezes não permite a participação dos pais. Acreditamos que esta inadequação dos cursos de preparação para o parto às necessidades dos pais pode ser uma das explicações para a pequena menção a estes cursos pelos participantes deste estudo. A exclusão do pai em alguns momentos pode ser uma estratégia para que o pai se sinta mais confortável, mas, se não houver uma participação efetiva, pode gerar desconfiança e ansiedade.

a interação com o bebê, desejando com ele, através de conversas, da interação com o bebê reflete uma paternidade, além de um grande envolvimento paterno proposta observada no 3º trimestre de gestação, encontrava a amostra do presente

No entanto, alguns pais reclamaram os movimentos e reações do filho, relatos de pouca interação com o bebê destas dificuldades e/ou de sentimentos destes pais ainda não sentissem o bebê nas suas vidas, não conseguindo, por isso, se conectar com ele. Porém, todos os pais que revelaram terem sentido seu filho, ainda assim, relataram a mesma reação frente às manifestações do bebê, que acontecesse com freqüência. Isto indica que os pais estavam, de alguma forma, conectados ao bebê, apesar de suas dificuldades. Ainda assim, os pais que tinham referências na literatura que defendiam o envolvimento paterno. Todavia, os pais relataram que o contato entre os pais e seus filhos era maior quando se pretende compreender a gestação, bem como após o nascimento.

Os resultados do presente estudo mostraram que os pais manifestaram diversas reações diante da gravidez de suas companheiras. Um estudo realizado por Krob (1999) mostrou que a gestação seria um período marcado por sentimentos de alegria e ansiedade, e também de medo. Os pais mostraram que a maior parte das reações eram positivas, pelos pais relacionou-se com a gestante, o que indica a existência de uma ligação emocional com ambos. Algumas pessoas relataram que a frequência, também relataram que a ligação emocional com a gestante era menor, mas que a ligação com o bebê era maior.

delegado ao pai neste evento, sejam alguns dos fatores que expliquem esta aparente despreocupação. Mesmo assim, conforme Espírito Santo e Bonilha (2000), é preciso compreender que a medicalização do parto não atinge somente os pais, mas também as mães, pois a equipe médica se “apropria” deste momento tirando da mãe a confiança na sua capacidade de dar à luz e do homem o direito de participar do nascimento de seu filho. Em um estudo realizado em um grande hospital universitário de Porto Alegre, estas autoras constataram que as equipes obstétricas têm restringido sistematicamente a participação dos pais no parto e nascimento do filho, mesmo em situações que apresentam poucos riscos. Segundo as autoras, a autorização para que o pai possa assistir ao parto é dada somente no último momento, sendo que quando acontece a negativa, esta geralmente não é justificada pelos profissionais. No estudo de Espírito Santo e Bonilha a grande maioria dos pais entrevistados assinalaram o desejo de assistir ao parto sendo que aqueles que não puderam participar expressaram frustração e forte ansiedade. Estes achados contrariam, deste modo, os dados do presente estudo. Apesar de muitos profissionais e futuros pais acreditarem na importância da participação do pai no parto, deve-se lembrar que, para alguns pais, a vivência deste importante momento pode ser traumática ou mesmo insuportável. Portanto, a participação do pai não deveria ser uma prescrição, mas uma possibilidade, um convite, cuja decisão deveria ser respeitada e apoiada pelos técnicos e familiares.

Em relação às preocupações financeiras, embora estivessem presentes na fala de vários pais, elas também não foram as preocupações predominantes para os entrevistados do presente estudo. Este achado não corrobora a afirmação de Parke (1996) de que o dinheiro seria a principal preocupação dos pais durante a gestação, contestando a visão tradicional do papel do pai como restrito à provisão das necessidades materiais do bebê (Brazelton, 1988). A partir disto, podemos constatar que os relatos dos pais entrevistados parecem refletir uma mudança no papel paterno, a qual diz respeito à maior participação do pai nos cuidados com o bebê. Entretanto, só é possível dizer isto

gestação, a fim de aumentar a renda familiar. Referiram temer pela instabilidade de suas vidas, preocupações com o aumento das responsabilidades que se fizeram presentes nos relatos dos pais. Na pesquisa de Krob (1999) verificou que alguns pais entrevistados acreditavam que o nascimento de um filho traria mais responsabilidades, e envolveriam tanto o emocional quanto o material, como estes pais devem oferecerem aos seus filhos.

É importante assinalar que quase um terço dos pais do presente estudo relataram literalmente não terem medo com a gestação, embora alguns destes pais tivessem preocupações em outros momentos da gestação. Pode pensar que estes pais estivessem negando estes medos, por ser demasiadamente penoso para eles falar de seus medos e angústias referentes à gestação. No entanto, pode estar também relacionado ao estereótipo social que exige do homem um maior controle sobre a gestação. Ao mesmo tempo, esta aparente tranquilidade pode estar associada à necessidade dos pais de oferecerem apoio a uma figura de apoio à gestante, contenção e conforto às próprias deste período.

### **Considerações Finais**

A partir do presente estudo, verificou-se que existem um expressivo envolvimento dos pais na gestação, tanto em termos emocionais como comportamentais. O envolvimento foi manifestado através de preocupações e ansiedades dos pais, de um apoio emocional prestado à gestante, da sua participação em diversas atividades relativas à gestação e ao bebê, bem como com o bebê. Juntos, estes dados revelam uma profunda modificação quanto à paternidade durante a gestação, a qual parece não se encontrar restrita ao universo feminino, pelo menos na vida das mulheres investigadas. No entanto, alguns pais enfrentaram dificuldade em atender integralmente a todos os aspectos da gestação, seja devido à sua condição social, a

Deste modo, os pais demonstraram que o envolvimento paterno durante a gestação ainda encontra algumas barreiras, sejam estas subjetivas ou externas. Isso traz implicações para o envolvimento ativo dos pais não só neste período investigado da gestação, mas, provavelmente, também após o nascimento do bebê, quando a estas dificuldades paternas soma-se, por vezes, a resistência de algumas mulheres à participação dos companheiros nos cuidados do bebê (Burdon, 1998). Contudo, resta refletir se os estudiosos e a sociedade de modo geral, não estão exigindo do pai um envolvimento que está além de suas possibilidades, desconsiderando eventuais diferenças sexuais ou particularidades da maternidade e paternidade. Em realidade, a experiência física e emocional da gestação é bastante distinta para homens e mulheres e isto, provavelmente, tem consequências particulares para cada um deles, mas também enriquece a relação triádica mãe-pai-bebê. Neste sentido, Szejer e Stewart (1997) afirmaram que homens e mulheres apresentam recursos e reações muito diferentes e, portanto, seria mais útil a busca por ações complementares, ao invés de paralelas. O envolvimento paterno durante a gestação é um tema ainda pouco abordado em pesquisas psicológicas. No entanto, a investigação desta temática é de extrema importância, pois vários autores atestam o papel do pai já na gestação tanto no estabelecimento do apego pai-bebê como para o desenvolvimento na criança, de um senso de confiança e segurança (Costa & Katz, 1992; Parke, 1996; Silveira, 1998). Tomando os achados do presente estudo, recomenda-se que futuras pesquisas focalizem os diferentes estilos de envolvimento paterno (Parke, 1996), os aspectos transgeracionais relacionados ao envolvimento emocional do pai (Bowlby, 1989; Lamb, 1997) e os fatores culturais e sociais que podem estar determinando a quantidade e a forma de envolvimento desses pais na gestação (Burdon, 1998; Lewis & Dessen, 1999). O conhecimento daí advindo permitiria que fossem planejadas estratégias de prevenção e de intervenção, focalizando, principalmente, aqueles pais que manifestassem mais dificuldades em relação ao envolvimento paterno.

- Costa, G. P. & Katz, G. (1992). *Dinâmica do envolvimento paterno*. Artes Médicas.
- De Martini, T. A. D. (1999). *A transição para a paternidade: a síndrome de couvade dos futuros pais ao longo da gestação*. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Delmore-Ko, P., Pancer, S. M., Hunsberger, L. A. & Kline, R. (1995). Parental involvement during pregnancy: The relation between prenatal and postpartum involvement. *Journal of Family Psychology*, 14, 625-644.
- Espirito Santo, L. C. & Bonilha, A. L. (2000). A transição para a paternidade: o envolvimento do pai durante o parto e nascimento de seu filho. *Revista Brasileira de Psicologia da Saúde*, 21(2), 87-109.
- Fein, R. A. (1978). Research on fathering: Some recent findings. *Journal of Social Issues*, 34(1), 122-135.
- Grupo de Intereração Social, Desenvolvimento e Contato Inicial. Porto Alegre: Instituto UFRGS (Instrumento não-publicado)
- Grupo de Intereração Social, Desenvolvimento e dados demográficos do casal. Porto Alegre: Instituto UFRGS (Instrumento não-publicado)
- Grupo de Intereração Social, Desenvolvimento sobre a gestação e as expectativas do futuro pai. Porto Alegre: UFRGS. (Instrumento não-publicado)
- Hollingshead, A. (1975). *The four-factor index of social status*. New Haven, CT: Yale Department of Sociology.
- Klaus, P. (1993), O novo pai. Em Associação Pré e Perinatal (Org.), *Anais, 1º Encontro Pré e Perinatal*(pp. 62-76). São Paulo, SP: APEP.
- Klaus, M. H. & Kennell, J. H. (1992). *Pais na gestação*. Artes Médicas.
- Krob, A. D. (1999). *A transição para a paternidade*. Mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Lamb, M. E. (Ed.) (1997). *The role of the father in human development*. Wiley.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L. & Dill, J. (1997). The role of the father in human development. *American Zoologist*, 25, 883-893.
- Lewis, C. & Dessen, M. A. (1999). O pai na gestação. *Revista Brasileira de Psicologia da Saúde*, 15, 09-16.
- Levy-Shiff, R. & Israelashvili, R. (1988). A study of the relationship between fatherhood and the exploration. *Developmental Psychology*, 24, 101-108.
- Maldonado, M. T., Dickstein, J. & Nahoum, G. (1999). *Envolvimento paterno na gestação*. São Paulo: Saraiva.

- Rezende, A. L. & Alonso, I. L. (1995). O perfil do pai cuidador. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 5, 66-81.
- Ribas, R. de C., Jr., Seidl de Moura, M. L. & Bornstein, M. H. (no prelo). Socioeconomic status in Brazilian psychological research: II SES and parenting knowledge. *Estudos de Psicología*.
- Salmela-Aro, K., Nurmi, J., Saisto, T. & Halmesmäki, E. (2000). Women's and men's personal goals during the transition to parenthood. *Journal of Family Psychology*, 14, 171-186.
- Silveira, P. (1998). *Exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Souza, S. L. (1997). O papel do pai. Em M.Zugaib, I. Tedesco & I. Awayle (Orgs.), *Obstetrícia psicosomática* (pp 62-70). São Paulo: Atheneu.
- Szejer, M. & Stewart, R. (1997). *Nove meses na vida da maternidade*. Psicólogo.
- Trindade, Z. A. (1993). As representações sociais e o sentimento de maternidade e da paternidade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9, 11-18.
- Trindade, Z. A., Andrade, C. A. & Souza, J. Q. (1997). Representações da maternidade e da paternidade: A perspectiva do pai. In: Winnicott, D. W. (1966). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Imago.

#### Sobre os autores

**César Augusto Piccinini** é Professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Milena da Rosa Silva** é Mestre e Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Tonantzin Ribeiro Gonçalves** é aluna do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É bolsista CNPq.

**Rita Sobreira Lopes** é Professora no Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Jonathan Tudge** é Professor na University of North Carolina at Greensboro, EUA. É pesquisador associado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.